

Vitor Henrique Paro (organizador)

Bruno Oliveira • Cassia Domiciano • Cileda Perrella • Fabrício Carvalho
Flávio Boleiz Júnior • Hérica Wellen • Márcia Aparecida Jacomini
Maria Aparecida Monção • Mary Falcão • Nilton Francisco Cardoso
Petter Maahs da Silva • Rosana Cruz • Sylvie Bonifácio Klein
Vanda Mendes Ribeiro

ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR à luz dos clássicos da Pedagogia

São Paulo
2021

2ª Edição Revista

intermeios
CASA DE ARTES E LIVROS

Sumário

A importância dos clássicos da Pedagogia para a administração escolar, 7
Vitor Henrique Paro

Montaigne e a administração escolar: diálogo possível?, 23
Vanda Mendes Ribeiro

Comenius e os desafios da educação contemporânea: em foco, a gestão democrática, 43
Maria Aparecida Monção

Rousseau e a administração escolar: algumas apropriações, 63
Mary Falcão

Joseph Jacotot: contribuição para a reflexão acerca do Conselho de Escola, 91
Cileda Perrella

Makarenko: a administração escolar sob uma perspectiva participativa e democrática, 113
Fabrcio Carvalho

Makarenko e Pistrak: contribuições à administração escolar, 127
Bruno Oliveira

Whitehead: administração escolar e processo educativo: ritmo, disciplina e liberdade, 145
Cassia Domiciano

Janusz Korczak e a administração escolar contemporânea, 157

Rosana Cruz

Dewey: educação, administração escolar e autonomia, 179

Sylvie Bonifácio Klein

John Dewey: os conceitos de experiência e educação na análise da Escola Plural, 195

Nilton Francisco Cardoso

Neill e Dewey: contribuições para o querer aprender e para a administração escolar, 215

Héricka Wellen

Freinet e a reflexão sobre a organização da escola e do processo educativo, 237

Márcia Aparecida Jacomini

Freinet, sua pedagogia e as implicações para a política e para a administração escolar, 259

Peter Maahs da Silva

Paulo Freire: a prática administrativa coerente com a teoria pedagógica, 285

Flávio Boleiz Júnior

A importância dos clássicos da Pedagogia para a administração escolar

*Vitor Henrique Paro**

O objeto de estudo da administração escolar é a própria escola em sua multiplicidade de problemas e potencialidades. Isso, que deveria ser um truísmo, é continuamente negado por aqueles que insistem em acreditar que conceber a escola do ponto de vista de sua administração (ou de sua gestão, tomadas aqui como sinônimos) consiste apenas em aplicar na instituição educacional os princípios e métodos das empresas de negócios em geral, sem nenhuma consideração para com a especificidade do objeto administrado, ou seja, de uma instituição provedora de educação. De modo geral, no discurso dos tomadores de decisões e formuladores de políticas públicas para a escola básica está presente a suposição de que administrar bem o ensino escolar é apenas fazer na escola aquilo que se faz com sucesso numa empresa qualquer do sistema de produção capitalista.

Todavia, para ser fiel ao que há de mais universal em qualquer atividade administrativa é preciso que esta seja entendida como mediação na realização do objetivo que se tem em mira. “Administração é a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados.” (PARO, 2010, p. 25) Sendo assim, os fins educativos a que a escola deve visar precisam estar no mais alto nível de atenção quando se queira fazer uma administração escolar verdadeiramente competente. Daí decorre a importância de se abordarem os clássicos da Pedagogia, porque esta é uma forma de falar de educadores importantes que tiveram a capacidade de sintetizar o que havia de mais relevante e avançado em sua época a respeito da educação e do ensino e de refletir sobre essa contribuição.

Tendo em mente essas considerações, resolvi oferecer, no Curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, durante o primeiro semestre de 2008, a disciplina “Administração Escolar à Luz dos Clássicos da Pedagogia” (PARO, 2007), que tinha como objetivo “estudar as questões relacionadas à organização e administração da escola básica, tendo por

* Professor titular (colaborador Sênior) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, onde coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar. <vhparo@usp.br>.

Montaigne e a administração escolar: diálogo possível?

*Vanda Mendes Ribeiro**

1 Introdução

Educadores e pesquisadores têm alertado o país em relação a um de seus maiores desafios: a qualidade da educação. De acordo com Vitor Henrique Paro, para se definir qualidade de educação

[...] é preciso ter presente que não basta formar para o trabalho, ou para a sobrevivência, como parecem entender os que vêm na escola apenas um instrumento para preparar para o mercado de trabalho ou para entrar na universidade (que também tem como horizonte o mercado de trabalho). Se a escola deve preparar para alguma coisa, deve ser para a própria vida, mas esta entendida como o viver bem, no desfrute de todos os bens criados socialmente pela humanidade. E aqui já há um segundo aspecto, corolário do primeiro, a ser considerado: não basta a escola “preparar para” o bem viver, é preciso que, ao fazer isso, ela estimule e propicie esse bem viver, ou seja, é preciso que a escola seja prazerosa para seus alunos desde já. A primeira condição para propiciar isso é que a educação se apresente enquanto relação humana dialógica, que garanta a condição de sujeito tanto do educador quanto do educando. (PARO, 1998, p. 302)

No entanto, segundo Paro, impera no Brasil uma visão de educação de senso comum segundo a qual, na escola, o mais importante é o conteúdo a ser transmitido, o conhecimento. E o conteúdo é visto como independente da forma ou do método de ensino. Desconsideram-se as características tanto do educando quanto do educador. Prevalece o contexto da explicação. O educador é mero explicador de conteúdos. Tal visão, na opinião de Paro, desconsidera todo o saber científico sobre como se dá o processo de aprendizagem e “tem privilegiado uma dimensão ‘conteudista’ do ensino, que enxerga a escola como mera transmissora de conhecimentos e informações” (PARO, 2007, p. 9-10).

* Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação Formação de Gestores Educacionais da Universidade Cidade de São Paulo.

Comenius e os desafios da educação contemporânea: em foco, a gestão democrática

*Maria Aparecida Monção**

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”
Ítalo Calvino

1 Introdução

Escrever sobre Comenius é um desafio e ao mesmo tempo uma viagem na história da Pedagogia: debruçar-se sobre as ideias de um educador que, apesar de situar-se no século XVII, parece ter assistido a um filme sobre a educação do século XXI. É o que se constata ao ler uma de suas mais importantes obras educacionais: a *Didática magna*. A análise que o autor esboça sobre a escola de seu tempo em muito se assemelha ao quadro que vemos na escola brasileira contemporânea.

Ao elaborar *Didática magna*, Comenius confere à Educação o *status* de disciplina autônoma em relação à Filosofia e à Teologia, concebendo que, para a educação desenvolver toda a sua tarefa emancipatória, seria necessário “dar à pedagogia uma feição de ciência, de pensamento rigoroso e exaustivo, elaborado sobre critérios e princípios gnosiológica e epistemologicamente fundados” (CAMBI, 1999, p. 284).

Em *Didática magna*, Comenius explicita os fundamentos para o processo ensino-aprendizagem, despontando, assim, como o precursor da Didática. Entretanto, apesar de sua contribuição e dos avanços no campo de estudos e pesquisas na área da Didática e de Psicologia da Educação, um dos grandes problemas educacionais atuais ainda reside na forma de ensinar, como bem assinala Vitor Henrique Paro:

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Estadual de Campinas. <maguedes@unicamp.br>.

Rousseau e a administração escolar: algumas apropriações

*Mary Falcão**

1 Introdução

Este artigo procura tecer algumas considerações sobre as obras *Emílio ou da educação*, *Do contrato social* e *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*, de Jean-Jacques Rousseau, examinando nelas as eventuais contribuições para a administração escolar.

Tomando o conceito da administração, ou gestão¹, como “a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados” (PARO, 2005, p. 18), tem-se a partir daí o ponto de partida para a reflexão de um dos fatores responsáveis pelo estrangulamento da educação brasileira, qual seja: a falta de articulação entre os princípios, os meios e os fins. Essa desarticulação presente na agenda diária das escolas é o resultado de concepções que tomam os fins pelos meios, fragmentando as práticas escolares, reduzindo-as a um fazer com fim em si mesmo. Dito dessa forma, a ideia que se apresenta para apreciação é a de compreender que as contribuições recebidas das obras de Rousseau ajudam a recuperar a importância da adequação entre meios e fins educacionais, a fim de garantir a efetivação de uma educação que tenha por objetivo a formação da personalidade do educando.

Nesse sentido, recupera-se nessas obras o aspecto relevante sobre a concepção de homem no século XVIII, que, segundo Rousseau, institui as desigualdades, forjando o caráter de hierarquia entre iguais e, por fim, desenvolve uma educação preconceituosa. Em seguida, levanta-se a concepção de educação segundo Rousseau, com o intento de apropriar-se dos elementos necessários ao debate e suas contribuições ao objeto da administração escolar. Observa-se que, em todas

*Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná. <mayfalcai@gmail.com>.

¹Aqui tomadas como sinônimos.

Joseph Jacotot: contribuição para a reflexão acerca do conselho de escola

*Cileda Perrella**

Quem sabe valha a pena descobrir um Jacotot que nos ajude a pensar que, de tanto nos encontrarmos sem palavras, de tanto quase não poder falar, de tanto vazio em nossas palavras, de tão analfabetos que estamos de liberdade, de igualdade e de pensamento, ficamos sem poder ser de outro modo. E, nesse vazio que estamos sendo, quem sabe, poderemos voltar a falar a linguagem de outra educação e outra política.

Larrosa e Kohan

1 Introdução

Este texto tem por objetivo retomar as polêmicas discussões de Joseph Jacotot sobre a questão da igualdade das inteligências e da emancipação intelectual diante da atuação do mestre explicador e do mestre ignorante, e aproximá-las àquelas também polêmicas discussões a respeito do conselho de escola. Ao tratar a igualdade de inteligência como ponto de partida e não como objetivo a ser atingido, Jacotot inverte a lógica da discussão da superação da desigualdade. A radicalidade de Jacotot instiga a refletir sobre como e quanto o mestre explicador e o mestre ignorante estão presentes na instituição escolar.

Joseph Jacotot foi um interessante professor e militante político da causa da educação do século XIX. Interessante “porque foi testemunho de como se gestaram e como sucumbiram os ideais igualitários de 1789, e apesar disso seguiu sustentando-os” (DUSSEL, 2003, p. 213).

Nas considerações de César Tello (2005), os burocratas responsáveis pela educação da França pós-revolucionária, em 1830, tendo como ponto de partida a desigualdade, acreditavam que caberia à escola suprimir “a diferença que exis-

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade Zumbi dos Palmares. Pesquisadora da Rede Escola Pública e Universidade (REPU) <cileda@gmail.com>.

Makarenko: a administração escolar sob uma perspectiva participativa e democrática

*Fabício Carvalho**

Todo educador deve saber exatamente o que ele quer e de que maneira obtê-lo. A correta educação [...] deve estar organizada mediante a criação de coletividades únicas, fortes e influentes. A escola tem que ser uma coletividade única na qual possam estar contidos todos os processos educativos, e cada membro da coletividade deve sentir sua dependência com relação à mesma.

Anton Semionovitch Makarenko

1 Introdução

Junto com os processos de democratização da sociedade iniciados a partir da década de 1980 no Brasil, iniciou-se também todo um movimento organizado pela comunidade escolar (da escola pública) no sentido de democratizá-la internamente, em seus processos administrativos. Em que pese todos os avanços e esforços concentrados no sentido de democratizar a escola, ainda temos muito a avançar em direção a uma prática escolar mais democrática e em direção a uma organização escolar mais condizente com essa prática. Um importante passo nesse sentido deve caminhar em direção a uma concepção de educação, escola e administração mais rigorosas e abrangentes, que favoreçam a formação do homem, enquanto sujeito histórico, e a concretização de uma sociedade também democrática.

Por meio deste artigo, somos levados a refletir acerca de alguns dos problemas educacionais do país relacionados à gestão escolar e a recorrer aos clássicos da Pedagogia para subsidiar o nosso entendimento sobre o assunto. Nesse sentido, a experiência pedagógica – centrada, dentre outros princípios, no “cole-

* Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e Professor Associado I do Núcleo de Estudos Transdisciplinares em Educação Básica da UFPa. <fafc33@gmail.com>.

Makarenko e Pistrak: contribuições à administração escolar

*Bruno Assis de Oliveira**

1 Introdução

Moisey Mikhaylovich Pistrak (1888-1940) e Anton Makarenko (1888-1939) foram intelectuais forjados nas transformações radicais de seu tempo. Ambos ajudaram a construir o que se conhece hoje como sendo a pedagogia socialista: uma pedagogia centrada na ideia do coletivo e vinculada ao movimento mais amplo de revolução social.

A obra *Fundamentos da escola do trabalho*, escrita em 1924, depois de uma primeira versão que circulou na Rússia um ano antes, é a única contribuição de Moisey Mikhaylovich Pistrak que chegou até nós em língua portuguesa. Ela sistematiza sua experiência pedagógica na condução da Escola Lepechinsk, e no contato com outras escolas primárias de sua época, buscando traduzir para o plano da pedagogia escolar os ideais, concepções, princípios e valores do processo revolucionário inicial na União Soviética (CALDART, 2000, p. 7-9). Sobre sua biografia quase não existem registros, embora tenha influenciado significativamente a educação da República Soviética, principalmente no final da década de 1920, a partir das ideias políticas e pedagógicas de Nadezhda Krupskaya, companheira de Lênin e uma das grandes lideranças da revolução de outubro de 1917. Já sob o terror stalinista, a obra de Pistrak deixou de ser divulgada, o que talvez explique porque sabemos tão pouco sobre ele por aqui.

Pedagogo e escritor ucraniano, Makarenko ficou conhecido por sua mais importante obra educacional, a organização da escola como coletividade: a Colônia Gorki (1920-1928). Essa experiência deu-se em três locais¹: Poltava (1920-

* Mestre em Educação Física e doutorando na Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília (UnB). Professor da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. <br.olivei@gmail.com>.

¹Uma quarta experiência também é abordada no *Poema pedagógico: a Comuna Dzerjinski* (1927-1935), que não será discutida neste artigo. Essa experiência é relatada por Makarenko em seu livro *Bandeiras nas torres*.

Whitehead, administração escolar e processo educativo: ritmo, disciplina e liberdade

*Cassia Domiciano**

1 Introdução

A educação é a diretriz do indivíduo para compreender a arte da vida; e por arte da vida quero dizer a mais completa aquisição de atividades variadas expressando as potencialidades dessa criatura viva em face de seu ambiente verdadeiro. Essa aquisição total envolve um sentido artístico, subordinando as possibilidades inferiores às superiores da personalidade indivisível.

(WHITEHEAD, 1969, p. 52)

A educação não se restringe à escola. Muito antes da existência dessa instituição já havia educação. Mas foi a escola que se destacou nas sociedades modernas ao se tornar o lugar objetivado, concreto no qual o homem pode ter acesso ao saber historicamente produzido pela humanidade. No ambiente escolar existe um campo de possibilidades para a promoção da aprendizagem dos sujeitos envolvidos no ato educativo, visto que há um processo diário de convivência e troca de saberes.

Obviamente, a escola não é capaz de oferecer todo o conjunto cultural historicamente produzido pelo homem. Elege, então, aquilo que considera essencial para sua formação e atualização¹. Não obstante, a escola não tem cumprido seu papel atualizador. O que ainda lhe parece faltar é uma clareza da dimensão do humano e do significado da educação. Se tivesse essa clareza, compreenderia a complexidade que envolve o ato de educar e, portanto, não contrariaria seus fins submetendo os sujeitos envolvidos no processo pedagógico a uma prática autoritária, tal como realiza na atualidade.

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR). <cassiale@uol.com.br>.

¹ O conceito de educação como atualização histórico-cultural (PARO, 2008) será explicitado mais adiante.

Janusz Korczak e a administração escolar contemporânea

*Rosana Cruz**

A criança acomodada é o sonho de consumo da educação contemporânea: passo a passo, com método, ela procura adormecer, sufocar, destruir tudo o que seja a vontade da criança, sua liberdade, a força moral de suas exigências e aspirações. Bom, obediente, gentil, fácil... Por acaso pensamos alguma vez nesse homem fraco, covarde, sem energia que a criança corre o risco de se tornar?

Janusz Korczak

1 Introdução

Este artigo tem por objetivo analisar o legado de Janusz Korczak para a administração escolar contemporânea, tendo como pressuposto a compreensão desse autor como um clássico da Pedagogia. Este entendimento decorre da caracterização de um pensador clássico como aquele cujas ideias, independentemente do período em que tenha vivido, permanecem, sobrevivem ao seu próprio tempo, sendo “percebidas por nós como parte constitutiva da nossa atualidade” (WEFFORT, 2004, p. 8).

Korczak não é de um passado tão distante (1878-1942) e, embora ainda seja insuficientemente conhecido no Brasil, “é uma das maiores e mais impressionantes figuras da pedagogia contemporânea” (LEWOWICKI, 1998, p. 11), cuja vida e obra foram dedicadas à defesa das crianças. Sendo o precursor da luta pelos direitos das crianças (MARANGON, 2007), inspirou a Organização das Nações Unidas (ONU) a aprovar a Declaração dos Direitos da Criança, de 1959 (DALLARI; KORCZAK, 1986). Por sua importância, a Organização das Nações

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora associada da Universidade Federal do Piauí e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Políticas e Gestão da educação <rosanacruz@ufpi.edu.br>.

Dewey: educação, administração escolar e autonomia

*Sylvie Bonifácio Klein**

1 Introdução

A situação da escola brasileira enseja inúmeras reflexões e perguntas. Esse questionamento envolve tanto o cotidiano das escolas e dos profissionais da educação, quanto a ação dos administradores escolares e estudiosos do assunto: por que, em tão numerosos anos de pesquisas e novos trabalhos que apontaram para diversas direções, a educação pública parece ir na contramão dos ditos objetivos traçados para ela, seja pela população, seja pelos governantes, seja ainda pelos educadores? Em que pesem as diferentes visões existentes sobre a função social da escola, o único consenso apontado, *a priori*, por todas elas parece ser o de que a educação vai mal, muito mal.

Em virtude desses apontamentos, buscando compreender a educação no contexto sócio-histórico de sua construção, voltamos nossa atenção para um autor que, por meio da herança pedagógica de suas contribuições, situa-se no âmbito de um clássico da Pedagogia. John Dewey foi escolhido neste texto para referenciar algumas reflexões acerca da educação, do ensino e da escola, pretendendo-se, no aproveitamento de suas contribuições, elucidar alguns problemas da realidade atual e sua relação com as questões da administração escolar.

No Brasil, somente uma pequena parte de sua obra foi traduzida e está acessível ao leitor, por especial iniciativa de Anísio Teixeira. Ainda assim, algumas grandes obras de Dewey, como *Vida e educação* e *Democracia e educação* trazem explicitamente sua concepção e expectativas em relação às possibilidades de um fazer pedagógico diferente, contextualizado em uma sociedade que de fato possa consolidar-se democrática, mais justa e igualitária. Portanto, faço referência neste trabalho, principalmente, a essas duas obras.

* Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e doutoranda na mesma instituição. Coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Ensino de São Paulo. <sylviebk@hotmail.com>.

John Dewey: os conceitos de experiência e educação na análise da Escola Plural

*Nilton Francisco Cardoso**

1 Introdução

Um valor fundamental dos clássicos é sua capacidade de superar o tempo. Uma obra, sendo um clássico, continua atual por mais antiga que seja, comunicando ideias e conhecimentos relevantes para o homem, em diferentes épocas.

Um clássico pode servir de modelo, de exemplo, de inspiração, de sugestão ou ser apenas um bom “conselheiro” na elaboração de um novo projeto. Pode ser, ainda, uma fonte de conhecimento crítico para analisar e se posicionar diante de práticas colonizadoras.

Ao propor uma análise da experiência da Escola Plural de Belo Horizonte à luz dos conceitos de experiência e educação de Dewey, orientei este trabalho para alguns aspectos comuns entre aquela política educacional e os conceitos do autor. Acredito que dessa forma seja possível realçar elementos que contribuam para conceber não só a administração da escola, mas também a administração de uma rede de educação. Nesse sentido, é possível perceber os limites que preservam as características e a autonomia de cada unidade e os elementos constitutivos de uma rede que busca a qualidade de ensino em todas as suas escolas.

A Escola Plural é uma experiência de muita relevância educacional; colocá-la em diálogo com Dewey é, neste caso, uma prioridade, mas não a única possibilidade. Por isso, ao longo de nosso percurso nos serviremos de outros autores que desenvolveram conceitos pertinentes à temática.

A princípio detenho-me na apresentação de John Dewey e de uma breve síntese de seu pensamento e de sua trajetória intelectual. Num segundo momento, analisarei a proposta da Escola Plural, o contexto em que se deu sua elabora-

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutor em educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, professor de ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. <nilfrancar60@gmail.com>

Neill e Dewey: contribuições para o querer aprender e para a administração escolar

*Héricka Wellen**

1 Introdução

“[...] preferia antes ver a escola produzir um varredor de ruas feliz do que um erudito neurótico.”

(NEILL, 1980, p. 4)

No presente artigo, busco analisar a teoria e a prática de Alexander Sutherland Neill (1883-1973), tendo por base, principalmente, seu livro *Liberdade sem medo*, escrito em 1960. Neill foi o criador de uma das mais ousadas experiências educacionais – a escola de Summerhill. Fundada em 1921, na aldeia de Leiston, em Suffolk, na Inglaterra, Summerhill, que existe até os dias de hoje, é uma escola que prega a liberdade e tem como objetivo a felicidade de seus alunos, em uma instância tão rigidamente regida por princípios tradicionais – a educação escolar.

Atualmente, a escola é dirigida pela filha de Neill – Zöe Readhead – e mantém, na essência, os mesmos princípios que a originaram. Segundo o relatório oficial do Reino Unido em 2007, a escola, primária e secundária, conta com o estatuto de independente e possui 78 alunos – 40 meninos e 38 meninas, entre 5 e 17 anos.

Para a confecção deste texto, foram utilizadas informações sobre Summerhill baseadas nos escritos do próprio Neill, já que o artigo buscou não avaliar como a escola se encontra hoje, mas analisar os princípios norteadores que influenciaram sua formação, enfocando, especificamente, a questão do *querer aprender*.

O *querer aprender*, enquanto categoria explicativa, remete a uma concepção de educação segundo a qual a

[...] necessidade da educação se dá precisamente porque, embora autor da história pela produção da cultura, o homem ao nascer encontra-se inteiramente desprovido

* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Professora do Instituto Metrópole Digital/ UFRN. <hkmedeiros@uol.com.br>.

Freinet e a reflexão sobre a organização da escola e do processo educativo

Márcia Aparecida Jacomini

Instrução e conhecimento são apenas instrumentos – que, aliás, estaríamos errados em negligenciar. Mas sua utilização exige uma direção avisada que supõe a cultura profunda da personalidade.

(FREINET, 1998a, p. 117)

1 Introdução

Neste texto procuro refletir sobre a administração escolar como norteadora da organização da escola e do processo educativo. Tal tentativa é realizada tendo em vista a construção de uma educação pública de qualidade, cuja finalidade é a de viabilizar a apropriação da cultura como forma de ampliar as possibilidades de atuação individual e social em busca do bem viver. Para isso, recorro ao conceito de administração escolar proposto por Vitor Henrique Paro (2000) e ao legado de Célestin Freinet (1998a) sobre o trabalho como organizador do processo educativo.

Paro (2000, p. 18) define administração como “a utilização racional de recursos para a realização de fins determinados”. A partir dessa acepção, pode-se conceber a administração escolar ou a gestão da escola como a utilização de recursos organizados da melhor forma possível, tendo em vista a realização do objetivo educacional que é a efetiva apropriação da cultura por parte do educando.

Dada a especificidade do processo educativo, a utilização dos recursos para a realização dos fins educacionais não deve ser entendida da mesma forma que é concebida nos setores de produção de bens e serviços de forma geral. O fato de o aluno ser sujeito e, portanto, um ser dotado de vontade, faz com que a atividade educativa considere as necessidades, as especificidades e o querer do outro. Isso implica uma relação negociada, pautada pela democracia, entre educadores e alunos.

* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal de São Paulo. <jacominimarcia@gmail.com>.

Freinet, sua pedagogia e as implicações para a política e para a administração escolar

*Petter Maahs da Silva**

1 Introdução

Em certa medida, em algumas regiões do país a educação pública brasileira conseguiu avanços incontestáveis. No estado de São Paulo, por exemplo, os números demonstram que 98% das crianças encontram-se matriculadas e frequentando as escolas (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2010). São incontestáveis os investimentos do governo federal que, em última análise, constituem medidas importantes para a melhoria de alguns índices da educação. Contudo, sabemos que essas medidas ainda não foram suficientes para solucionar o problema da aprendizagem na rede pública.

Cumpridas as metas de universalização do ensino, o eixo das discussões passa a ser a questão da qualidade. Isso não significa que os aspectos quantitativos possam ser tratados em separado: questões como a redução do número de alunos por mestre estão intrinsecamente ligadas à questão da qualidade, apesar das investidas dos economistas da educação, que dizem não haver relação direta. A história da educação brasileira confirma a tendência em se pensar quantidade e qualidade separadamente; a questão da qualidade em educação é um terreno movediço e em permanente disputa. Aliás, o que é educação de qualidade?

O sistema educacional brasileiro optou pelo modelo de índices de desenvolvimento, composto por avaliações externas e monitoramento do fluxo escolar. Assim, no ensino fundamental a “qualidade” é medida por meio da aquisição de conteúdos relacionados às disciplinas Língua Portuguesa e Matemática; o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e o vestibular constituem a outra etapa do processo. O centro do processo educativo é a memorização de conteúdos, afe-

* Diretor de escola da Rede Municipal de Ensino de Cubatão (SP) e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Administração Escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Gepae/USP. <pettermaahs@usp.br>

Paulo Freire: a prática administrativa coerente com a teoria pedagógica

*Flávio Boleiz Júnior**

1 Introdução

O interesse na reflexão a respeito da contribuição de Paulo Freire (1921-1997) como um dos clássicos da Pedagogia para os estudos de administração escolar advém principalmente do caráter democrático de sua pedagogia e da forma como ele próprio mostrou-se coerente com essa particularidade em sua experiência como gestor educacional. Se o conceito de administração, em seu sentido mais universal, não se traduz no mero exercício do mando e do controle do trabalho alheio, consistindo, em vez disso, como propugna Vitor Henrique Paro (2004, p. 18), numa mediação para a realização de fins determinados, então a obra teórica e prática do célebre autor da *Pedagogia do oprimido* vem precisamente ilustrar a importância da premissa básica da administração, qual seja, a necessária coerência entre meios e fins. Este capítulo pretende oferecer algumas anotações que relacionam a pedagogia freiriana com a experiência de seu autor como administrador da educação.

2 Breves notas biográficas

Paulo Freire era filho de uma dona de casa e um militar – seu pai era sargento do exército brasileiro. Sua formação se deu, na primeira infância, na cidade de Recife, onde morava no bairro de Casa Amarela. Ali se realizou sua alfabetização, no quintal de sua casa, “às sombras das mangueiras”, como conta em suas obras e várias entrevistas. Mais tarde foi com a família toda morar em Jaboatão, em função de problemas financeiros que fizeram com que seu pai se mudasse para a periferia.

O próprio Freire conta, em poucas palavras, o que significou sua vida na periferia, perto de pessoas pobres, “do povo”.

* Pedagogo; mestre e doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte <boleiz@alumni.usp.br>.